

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS/PORTUGUÊS

MARIA VALTANIA DE SOUSA ROCHA

**SOB O SIGNO DA FOME: uma leitura Bakhtiniana em torno da obra
“O Quinze” de Raquel de Queiroz**

PICOS-PI
2014

MARIA VALTANIA DE SOUSA ROCHA

**SOB O SIGNO DA FOME: uma leitura Bakhtiniana em torno da obra
“O Quinze” de Raquel de Queiroz**

Monografia apresentada à
Universidade Federal do Piauí -
UFPI, como parte dos requisitos
finais para obtenção do título de
licenciado em Letras/ Português;

Profº Orientador: Welbert Feitosa
Pinheiro

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí

Biblioteca José Albano de Macêdo

R672s Rocha, Maria Valtania de Sousa.

Sob o signo da fome: uma leitura Bakhtiniana em torno da obra "O Quinze" de Raquel de Queiroz / Maria Valtania de Sousa Rocha – 2014.

CD-ROM : il; 4 ¾ pol. (33 p.)

Monografia (Licenciatura em Letras-Português) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2014.

Orientador (A): Prof. Me. Welbert Feitosa Pinheiro

1. Fome. 2. Seca. 3. Regionalismo. 4. Nordeste. I. Título.

CDD B869.09

MARIA VALTANIA DE SOUSA ROCHA

**SOB O SIGNO DA FOME: uma leitura Bakhtiniana em torno da obra
"O Quinze" de Raquel de Queiroz**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade
Federal do Piauí - UFPI, como
parte dos requisitos finais para
obtenção do título de licenciado
em Letras/ Português;

Profº Orientador: Welbert Feitosa
Pinheiro

Monografia aprovada em 11 / 08 / 2014

BANCA EXAMINADORA

Welbert Feitosa Pinheiro

Prof.º Ms. Welbert Feitosa Pinheiro - Orientador
Universidade Federal do Piauí UFPI.

Cristiane Feitosa Pinheiro

Prof.ª Ms. Cristiane Feitosa Pinheiro – Membro
Universidade Federal do Piauí UFPI.

Fernanda Martins Luz

Prof.ª Ms. Fernanda Martins Luz – Membro
Universidade Federal do Piauí UFPI.

Dedico este vitória principalmente a Deus, pois é a força que me levanta, o foco que me guia e a fé que me mantem a caminhar; à minha família, e aos meus amigos que estiveram sempre comigo, pelo incentivo e compreensão ao longo de minha formação acadêmica. Dedico também aos professores da Universidade Federal do Piauí (UFPI), que me acompanharam durante minha formação, em especial ao meu professor orientador Welbert, pela paciência, ensinamentos e dedicação nessa trajetória.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus por me conceder a graça de estar viva e por iluminar meus pensamentos e ter estendido a mão nos momentos em que quase fraquejei.

Agradeço aos meus familiares pelo apoio e colaboração ao longo de minha formação acadêmica. Mãe, seu cuidado e dedicação foram que deram em alguns momentos a esperança e a força de vontade pra seguir.

Aos meus amigos, pelas alegrias, tristezas e dores compartilhadas. Com vocês, as pausas entre um parágrafo e outro de produção melhora tudo o que tenho produzido na vida.

A todos os professores que fizeram parte dessa jornada, pela paciência, dedicação, companheirismo e incentivo. Em especial a professora Cristiane Pinheiro por despertar em mim esse olhar crítico não só sobre a literatura, mas sobre a vida de modo geral.

Ao meu professor orientador Welbert Feitosa Pinheiro pelo auxílio prestado no decorrer da construção desse Trabalho de Conclusão de Curso e pelos ensinamentos que nos proporcionou durante todo o percurso da graduação.

Aos meus colegas de trabalho pela compreensão e incentivo nesse período de ausência.

Aos meus colegas de turma pela amizade construída no decorrer de todo o período de duração do curso.

A arte consiste em fazer os outros sentirem o que nós sentimos, em libertá-los deles mesmos, propondo-lhes a nossa personalidade para especial libertação.

Fernando Pessoa

RESUMO

A presente monografia irá fazer uma análise acerca da visão bakhtiniana em torno da obra “O Quinze” da romancista Raquel de Queiroz. Será utilizada para esta investigação uma discussão literária tendo como referencia a análise do estudioso da Literatura Mikhail Bakhtin. Este trabalho monográfico tem como objetivo geral realizar um estudo reflexivo a cerca do signo da fome na obra “O Quinze” de Rachel de Queiroz, sob a visão do crítico literário Mikhail Bakhtin. Nesta direção, configuram-se como objetivos específicos da pesquisa: discutir acerca da literatura e seus conceitos; biografar a autora Raquel de Queiroz; reconhecer elementos da teoria de Bakhtin presente na obra em análise; e compreender através das concepções teóricas e sociológicas do teórico Mikhail Bakhtin, a construção do signo da fome nessa obra. O presente trabalho traz como questão norteadora da pesquisa a seguinte indagação: De que forma Rachel de Queiroz trata da fome e da seca em seu romance? É bem verdade que, apesar de pertencerem a um mesmo movimento literário, a construção discursiva dentro desse romance é bem distinta da dos demais romances pertencentes à mesma fase literária. Trata-se de um trabalho bibliográfico, sendo este desenvolvido a partir de material já elaborado relacionado à temática em estudo, que teve como base fundamental conduzir a determinado assunto e utilização das informações coletadas para o desempenho da pesquisa. O estudo concluiu que a linguagem e a estrutura é uma característica peculiar da obra de Rachel de Queiroz, em que reproduz a voz da personagem como sua fala espontânea, natural, tornando-a mais próxima possível da realidade. O diálogo com a terra natal é uma realidade em Rachel e sua maneira de representar a mulher é diferenciada de outros escritores regionalistas, visto que observa a ligação existente entre a mulher e a terra, ou seja, o poder e dinheiro na vida da mulher, a presença do feminino no mundo dos homens.

Palavras-chave: Fome. Seca. Regionalismo. Nordeste. O Quinze.

ABSTRACT

This pesquisa will make a review about the Bakhtinian view around of "The Fifteen" novelist Rachel de Queiroz. A literary discussion with reference to the analysis of literature scholar Mikhail Bakhtin will be used for this investigation. This monograph aims to describe conduct a reflexive study about the sign of hunger in the book "The Fifteen" by Rachel de Queiroz, under the vision of the literary critic Mikhail Bakhtin. In this direction, appear as specific research objectives: to argue about literature and concepts; biografar author Rachel de Queiroz; recognize elements of the theory of Bakhtin's work in this analysis; and understanding through theoretical and sociological theoretical conceptions of Mikhail Bakhtin, the construction of the sign of hunger in this work. The present work has as guiding research question the following question: How Rachel de Queiroz comes from famine and drought in his novel? It is true that, despite belonging to the same literary movement, within the discursive construction of this novel is quite distinct from the other novels of the same literary stage. This is a bibliographic work, which is developed from material already prepared related to the subject under study, which was to lead to fundamental basis given topic and use the information collected for research performance. The study concluded that the language and the structure is a peculiar feature of the work of Rachel de Queiroz, which reproduces the voice of the character as their spontaneous speech, natural, making it closer to reality as possible. The dialogue with the homeland is a reality in Rachel and his way of representing the woman is differentiated from other regionalist writers, as they observed the link between women and the earth, ie, the power and money in women's lives, the presence of women in the world of men.

Keywords: Hunger. Drought. Regionalism. Northeast. O Quince.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 ABORDAGENS TEÓRICAS	13
1.1 O Romance.....	13
1.2 A Literatura.....	15
1.3 A Ficção.....	18
1.4 O Discurso e a Ideologia presentes na obra “O Quinze”.....	20
2 ANÁLISE DA OBRA	22
2.1 “O Quinze”: uma breve análise da obra.....	22
2.2 A representação da Seca como o signo da fome.....	26
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	32

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa faz uma análise acerca da visão bakhtiniana em torno da obra “O Quinze”, da romancista Raquel de Queiroz. Será utilizada para esta investigação uma discussão literária tendo como referência a análise do estudioso Mikhail Bakhtin entre outros autores consagrados, pois, segundo pontua Clark e Holquist (1998, p. 213), toda obra da arte literária deve ser compreendida inteiramente como um fenômeno linguístico e formal, sem nenhuma consideração ao objeto de beleza que esta realiza. Mas esta perspectiva não é meramente “formal”.

Nesta direção, segundo a visão de Bakhtin, o estudo da forma literária traz a possibilidade de se ultrapassar a mera interpretação de lugares, paisagens e territórios como elementos espaciais e permite o estudo da construção do espaço como um ato e produto social que, por seu lado, é representado pelas linguagens dos autores.

Bakhtin (1998, p. 337) asseverou que o “Romance regionalista” no qual a obra de Raquel de Queiroz faz parte, “configura-se um tipo específico de espaço e tempo, onde se desenrola todo o processo da vida, com elementos do idílio da família e do trabalho, agrícola e artesanal”. Com isso, vê-se que no romance objeto de análise desse trabalho, permeiam componentes desse círculo familiar, e que um tipo específico de espaço e tempo estão presentes nessa obra.

A obra O Quinze pertence a uma fase da literatura brasileira mais conhecida como “Regionalismo Nordestino”. Nessa obra, nota-se como principais temas a seca e a retirada dos nordestinos que, fugindo da fome que castiga o homem do sertão e os animais em virtude desse fenômeno natural e bastante comum no nordeste, se veem obrigados a sair de seu lugar de origem, ou seja, migrar em busca de melhores condições para sobrevivência. Tais migrações configuram-se como conflitos psicológicos e sociais e também uma forma de se posicionar criticamente sobre a situação do Nordeste e seu povo sofrido.

É bem verdade que, apesar de pertencerem a um mesmo movimento literário, a construção discursiva dentro desse romance é bem distinta da dos demais romances pertencentes à mesma fase literária. Nas palavras de Albuquerque Jr. (2006, p. 22), ao trabalhar a temática dos sertões, infere-se que

Para autores como Rachel de Queiroz [...] o sertão aparece como o repositório do verdadeiro caráter nacional, reduto de uma sociabilidade comunitária, familiar e orgânica, onde os valores e os modos de vida contrastam com a visão capitalista moderna, com a ética burguesa assentada no individualismo, no conflito e na mercantilização de todas as relações.

A partir disso, nota-se que nessa obra a autora tenta repassar uma imagem de um Nordeste sofrido, porém ao mesmo tempo busca trazer visibilidade para essa região, mostrando com isso, uma forma de resistência ao descaso das autoridades, a perda da identidade frente à urbanização globalizante que se expandia em outras regiões do país. Ela retrata essa região como o verdadeiro depósito das características nacionais.

Diante do exposto, este trabalho monográfico tem como objetivo geral realizar um estudo reflexivo a cerca do signo da fome na obra “O Quinze” de Rachel de Queiroz, sob a visão de alguns autores consagrados, dando ênfase ao crítico literário Mikhail Bakhtin. Nesta direção, configuram-se como objetivos específicos da pesquisa: identificar a relação da obra “O Quinze” com a teoria de Bakhtin; reconhecer elementos da teoria de Bakhtin presente na obra em análise; e compreender através das concepções teóricas e sociológicas do teórico Bakhtin, a construção do signo da fome nessa obra.

Trata-se de um trabalho bibliográfico, sendo este desenvolvido a partir de material já elaborado relacionado à temática em estudo, que teve como base fundamental conduzir a determinado assunto e utilização das informações coletadas para o desempenho da pesquisa.

Para o levantamento deste trabalho, as pesquisas levaram em consideração os seguintes passos metodológicos: levantamento bibliográfico sobre a temática sugerida para a pesquisa a partir de material já elaborado, contribuindo para o aprofundamento do conhecimento do tema investigado, permitindo também, a síntese de múltiplos estudos publicados que possibilitam conclusões gerais a respeito de uma particular área em estudo.

Segundo Marconi e Lakatos (2009), nenhuma pesquisa parte da estaca zero, o pesquisador busca fontes de pesquisas já existentes, documentais e bibliográficas. Com isso, a partir do material encontrado que serviu de base para a estruturação do presente trabalho, foi realizada uma análise e interpretação das fontes bibliográficas, permitindo a seleção daquelas pertinentes ao objetivo proposto a ser trabalhado.

A revisão de literatura tem por objetivo conhecer as diferentes contribuições teóricas disponíveis sobre determinado tema. Ela oferece suporte em todas as fases do processo de qualquer tipo de pesquisa. Através da revisão literária podemos ter mais clara nossa linha de abordagem, definir com exatidão a problemática a ser trabalhado, determinar os objetivos a serem alcançados, construir hipóteses plausíveis, e dispor de um aporte teórico para a fundamentação da justificativa da escolha do tema e tecer o relatório final de forma satisfatória.

1 ABORDAGENS TEÓRICAS

1.1 O Romance

Tendo como referência o trabalho de Melo (2010, p. 980), pode-se afirmar que “o surgimento do romance corresponde à inserção das peculiaridades de povos e linguagens na literatura”. Com isso, a autora argumenta que o romance se difundiu com intenções diversas, principalmente mediante a provocação do riso em todas as suas variantes, tais como o cômico popular, a sátira aberta e velada, a paródia, a ironia, além de outras formas de aproximação entre os indivíduos e a realidade pela linguagem.

Assim, nessa direção, a autora salienta que essas formas de aproximação têm, na verdade, grande expressividade no gênero dramático, cujo gênero deu início ao humor na literatura por meio da comédia e da tragicomédia e, ainda porque, em cujos textos, podem-se facilmente perceber a formação de papéis e máscaras sociais por meio de personagens caricatas. Nesse sentido, Bakhtin (1990, p. 371) diz, ao percorrer aspectos históricos para entender a formação diacrônica do romance que

A palavra *romanesca* teve uma longa pré-história que se perde nas profundezas dos séculos e dos milênios. Ela se formou e amadureceu nos gêneros do discurso familiar ainda pouco estudados, da linguagem popular falada, e do mesmo modo em alguns gêneros literários e folclóricos inferiores. No seu processo de surgimento e desenvolvimento inicial a palavra *romanesca* refletiu a antiga luta de tribos, povos, culturas e línguas, ela era uma ressonância completa dessa luta.

De acordo com o pensamento acima, o que se pode inferir é que na sua longa existência, o romance esteve, por vezes, perdido devido aos muitos anos de existência que pode ter lhe dado roupagens diferentes em épocas distintas. Entretanto, ocorria um processo de amadurecimento que se desenvolveu narrando à luta de povos e atualmente assume algumas novas características, mas que nem por essa razão, no entanto, deixa de ser *romanesca*.

Com isso, observa-se que os primórdios da forma *romanesca*, além de estarem envolvidos pelo plurilinguismo das culturas populares, vão somar-se ainda as transformações históricas, como a derrocada e a ascensão de sistemas político-

ideológicos, o florescimento de novas ideias e visões de mundo, que muito contribuíram para o enriquecimento da diversidade linguística e artística. De acordo com o exposto na visão de Bakhtin (1990, p. 371)

a pluralidade de línguas e vozes assimilada pelo romance antigo foi relevante no que concerne ao desenvolvimento do gênero ao longo dos séculos posteriores e à feitura de suas principais variantes, como por exemplo, do romance de provações, de aventuras, de aprendizagem e de costumes, os quais não apresentam uma fronteira delimitada entre si; ao contrário, interpenetram-se, e promovem novas variações, que se ramificam.

Assim, diante das características da pluralidade que assumiu, o estilo de romance antigo pode ser considerado relevante em seu processo de desenvolvimento, uma vez que passa a influenciar em posteriores romances que vão se imbricar e trazer a tona novas formas. Nota-se que ao passar dos anos, essas características vão se tornando cada vez mais preponderantes na construção de novas narrativas por enriquecer essas construções com recursos como a parodia entre outros.

O que se pode observar é que o romance não é único, pois este irá sofrer mudanças diversas, o que vem a comprovar sua dinamicidade nos dias atuais. Na verdade, inútil seria uma tentativa de investigação em torno das oscilações do romance para que fosse formada uma tipologia romanesca. Concordando com Cortázar (1974, p. 151)

admite-se que o romance apresenta toda uma possibilidade de evolução no tempo e espaço que pode abarcar os temas mais complexos mostrando desenvolvimento e amplificação de determinados espaço-tempos, como um filme, enquanto que o conto traz em sua identidade os elementos de densidade e brevidade que são muito mais próximos da fotografia.

O que o autor quer enfatizar é que o romance se distancia do conto por promover possibilidades maiores em relação ao elemento tempo e espaço, tornando-o mais suscetível a um desenvolvimento mais complexo, condições estas ou possibilidades que não se pode observar no segundo tipo, o conto.

1.2 A Literatura

Em relação à literatura, pode-se afirmar que esta pode ser considerada uma arte verbal conforme afirma Proença Filho (2005, p. 8), mas este autor acentua ainda que “o conceito desse termo não é matéria pacífica entre os teóricos que a ela se dedicam” e nos últimos anos, têm surgido variações importantes no decorrer da história. Nesse contexto, Roland Barthes (1978, p. 12) define a literatura como a “utilização da linguagem não submetida ao poder [...]” que assim é porque deve-se ao fato de que a linguagem literária não carecer de regras ou normas de estruturação para que se possa entender. Para esse teórico, a linguagem literária da qual se refere, traz uma nova ordem para as coisas representadas.

De acordo Candido (1972, p. 53), sua concepção de literatura tem como uma de suas funções a representação do real, ele a conceitua como

[...] uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal da linguagem, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando em uma atitude de gratuidade.

A partir do exposto acima, nota-se que o que este crítico tenta mostrar é a indispensável presença de um elemento de manipulação técnica, cujo mesmo se configura como um fator determinante para a classificação de uma obra como literária ou não. Esse elemento seria a linguagem na classificação de Barthes, “linguagem literária”. Pois toda obra é construída a partir de uma realidade visualizada pelo autor, o que a torna literária e não um relato histórico é a utilização dessa linguagem literária.

No século XIX, os românticos defendem a ideia de que ao artista cabe a visão das coisas como estas ainda não foram vistas pelas pessoas “comuns” e, assim, deseja evidenciar como estas são profundas e autênticas em si mesmas. Em face da chegada do novo século, admite-se que o papel do artista é pontuar uma visão inédita das coisas revelando para além do plano físico, a profundidade que estas assumem.

Na segunda metade do século XIX, assiste-se a uma grande mudança, uma vez que segundo Proença Filho (2005, p. 08), “o núcleo de conceituação se desloca para ideia de como a literatura se realiza e assim, eis que surge uma nova visão

onde se aponta para o uso da linguagem que nela se configura”. Diante do exposto, nota-se que o foco na ideia da visão do artista como ponto mais importante a ser considerado na criação literária vai dando espaço para uma nova ideia, que abrange o processo do uso da linguagem no momento dessa criação.

Sabendo que a literatura prima por alguns aspectos tais como linguagem, a língua, o discurso entre outros, admite-se então que a obra de Raquel de Queiroz está inserida neste espaço da literatura. Sendo assim, Proença Filho (2005, p. 28) vai discutir acerca da literatura afirmando ser esta “uma forma de linguagem que tem a língua como suporte” e que veicula uma forma específica de comunicação que evidencia um uso especial do discurso a serviço da criação artística reveladora.

Esse autor diz que foi em meados dos fins do século passado que se passou a compreender a literatura como uma revelação da essência do real, de maneira que passa a assumir a função de sistema semântico em que se destaca a conotação. Por outro lado, Proença Filho (2005, p. 36) diz ainda que “a literatura é uma arte e um meio de comunicação de tipo especial e que envolve uma linguagem que é também especial”, tal como se mostra a obra em análise. Assim, concordando com a visão do autor, a literatura exerce a função de arte que traz consigo a linguagem como elemento relevante para sua compreensão, como se pode observar na obra de Rachel de Queiroz, *O Quinze*.

Na literatura deve-se compreender a ideia de multissignificação que, segundo Proença Filho (2005, p. 38)

Ao caracterizar-se no texto literário um uso específico e complexo da língua, os signos linguísticos, as frases, as sequências assumem significados variados e múltiplos. Assim, afastam-se, por exemplo, da monossignificação típica do discurso científico, para só citar um caso.

Quando se faz a leitura de um texto literário, nem sempre se obtém um significado único, mas vários significados, de modo que essa variedade parte da imbricação dos elementos que este traz, como a língua, a sequência, as falas. Assim, nota-se que é o que acontece na obra “*O Quinze*”, pois nesta percebe-se o uso de alguns elementos ou características apontadas na fala acima.

Já na visão de Haiduke (2008, p. 19), o termo literatura, no sentido da ficção pode ser visto como “a arte que constrói mundos específicos”. Diante dessa afirmação, esse estudioso diz que “essa característica está relacionada com a sua qualidade de obra de arte, que estabelece uma união entre o mundo real

(vivenciado) e o mundo da imaginação”. A partir do exposto acima, observa-se que na visão desse autor, no momento da criação literária há uma fusão entre o mundo real e o mundo imaginário, de onde vai surgir um mundo específico, das personagens. Para Haiduke (2008, p. 19)

Se a literatura estivesse somente ligada ao mundo real, ela seria no máximo um documento histórico; se fosse somente um produto da imaginação humana, sem a mínima conexão com o mundo dos fatos, seria ininteligível para qualquer outra pessoa que não o seu próprio autor. Todavia, é justamente pelo fato de se situar na área fronteira, não se fechando em nenhuma das duas direções, que confere à literatura a condição de ser sempre compreendida e contemplada no contexto social.

Diante das colocações desse autor, vê-se que a obra literária não pode ser entendida apenas como um produto da imaginação, desvinculada do contexto social e histórico e da visão de mundo do seu autor, nem tão pouco como uma reprodução fidedigna da realidade, pois não seria literatura e sim um relato histórico. A literatura deve ser compreendida como a “arte que constrói mundos específicos”, ficando sempre na fronteira entre o mundo real e o mundo da imaginação.

Por sua vez, Cândido (1964, p. 122), ao fazer uma análise acerca da relação entre o real e o imaginário na literatura, avalia que:

Para o artista, o mundo e o homem são abismos de virtualidades, e ele será tanto mais original quanto mais fundo baixar na pesquisa, trazendo como resultado um mundo e um homem diferentes, compostos de elementos que deformou a partir dos modelos reais, conscientes ou inconscientes propostos. Se o puder fazer, estará criando o *seu* mundo, o seu homem, mais elucidativos que os da observação comum, porque feitos com as sementes que permitem chegar a uma realidade em potência, mais ampla e mais significativa.

Nessa concepção, admite-se, pois que as diferentes formas de gêneros literários compõem formas distintas de arquitetar esses mundos. Por ser assim, a obra literária acha-se no limiar de três mundos: o mundo do conhecimento (ciência e saber), o mundo vivido (atos e relações sociais) e o mundo estético (romance).

1.3 A Ficção

A obra de Raquel de Queiroz descreve muito da realidade vivida pela autora na sua infância e pouco traz de ficção, pois a descrição do cenário físico em que foi escrita retrata, de fato, o ambiente vivido, muito embora este seja um romance ficcional regionalista, não devemos e nem podemos confundir com um relato pessoal. Observamos nesse romance, que a autora usou referências da sua vida pessoal para construir uma narrativa ficcional baseada em fatos ocorridos em uma determinada época por ela vivenciada.

Bakhtin considera que o ponto de partida para uma discussão sobre a construção do espaço dentro do romance são reflexões que se dão em torno da separação entre personagem e o autor da obra. Segundo Bakhtin (1992, p. 29-30) diz que

[...] o autor e o herói não aparecem como os componentes do todo artístico, mas como componentes da unidade transliterária constituída pela vida psicológica e social. A prática mais corrente consiste em extrair um material biográfico de uma obra e, inversamente, explicar uma obra pela biografia, contentando-se com uma coincidência entre fatos pertencentes respectivamente à vida do herói e à do autor. Opera-se com o auxílio de trechos que pretendem ter um sentido e, com isso, esquecesse completamente o todo do herói e o todo do autor, o que faz que se escamoteie o essencial: a forma da relação com o acontecimento, a forma como este é vivido no todo constituído pela vida e o mundo... é impossível qualquer correspondência teoricamente fundamentada entre o herói e um autor, pois a relação é de natureza diferente.

Segundo a análise feita por Bakhtin, é o poeta o sujeito que irá criar a imagem da personagem, sendo também por outro lado o mundo dele, munido sempre com material verbal que, desta forma, irá figurar como uma ponte comunicativa entre espacialidades. De outro modo, afirma ainda que, no que toca à língua, esta vai apresentar tudo numa ótica totalizante a partir de um acabamento formal e que dispõe ainda de ambientes diferenciados para cada personagem. Portanto, pode-se então afirmar que naquilo que concerne a cada interpretação de uma personagem, observa-se que esta é feita de fora e sempre surge no seu próprio horizonte específico cujos leitores e intérpretes, percebem apenas como “ambientes” ou paisagens na sua totalidade.

No romance “O Quinze”, a autora vai descrevendo a ambientação de seu romance que transita na forma de viagem pessoal e que vai se situar sempre entre o sertão e a cidade grande. A história de sua obra carrega pontos comuns à sua própria história de vida. É nessa direção que se analisa que a relação da autora com o sertão teve início desde muito cedo. De acordo com as colocações de Haiduke (2008, p. 67), nesse sentido

A construção de seus romances está parcialmente ligada as suas experiências da infância, como também ao seu conhecimento da memória popular da seca transmitida através de estórias contadas pelos sertanejos, o que ela chama de “memória da seca”:

Conforme mostram as colocações desse autor, nota-se que a construção do romance de Queiroz reside principalmente na relação que se vincula às suas experiências vivenciadas no período da seca de 1915, bem como o seu conhecimento da memória popular desse período, transmitida através de estórias contadas pelos nordestinos que também vivenciaram esse momento.

Em “O Quinze”, a personagem construída por Raquel, Conceição, traz alguns pontos comuns com a vida da autora. Além de residirem no nordeste e serem testemunhas desse extenso e cruel período de seca, ambas atuavam como professora e compartilhavam os mesmos ideários político e social. Segundo Monteiro (1973, p. 18), “É a personagem Conceição, pela inevitável fusão com a Autora, que integrando numa humanidade única os dois veios da ação romanesca, a ambas torna reais – pois com efeito a receptividade da personagem é a mesma da romancista”.

A partir do exposto acima, compreende-se, então que é por conta desse envolvimento pessoal da autora com a ambientação do romance que exercem uma influência maior na obra, cuja construção revela claramente um romance impregnado de fatos, contextos e situações da realidade. Através de seu discurso a mesma consegue exprimir o sentimento vivido realmente não apenas por ela, mas por todo um povo que comungou de tais dificuldades como a fome.

A crítica analisa essa obra como um livro que muito embora venha retratar a realidade social de uma determinada região atingida pela seca, trazendo a visibilidade os conflitos psicológicos do sertanejo em busca de sobrevivência, esta

ultrapassa o simples estereótipo das classes sociais, apontando uma maior complexidade nessa relação. Assim, Monteiro (1973, p. 18) assevera que:

O Quinze é uma obra profundamente amarga. Bastaria as odisséias da família de Chico Bento para marcar o romance com as cores da desgraça. Assim é que, por não ser um “romance social”, O quinze é o mais notável, senão o único verdadeiro romance social brasileiro – porque as classes não existem em fórmulas sublinhadas pelo romancista, mas no irremediável das coisas, na espontaneidade dos próprios fatos, quer eles sejam exteriores ou interiores, que se passem à escala dos grupos ou à de cada indivíduo.

Conforme ressalta Monteiro, a obra vem carregada de situações difíceis que a marca com as características da desgraça, no entanto, pode-se percebê-la como uma obra que retrata a verdadeira saga do nordestino diante de um problema tão comum nessa região como é a seca.

1.4 O discurso e a ideologia presentes na obra “O Quinze”

O discurso é um dos elementos presente no texto, responsável pela geração de sentido. É através do discurso que o sujeito da enunciação se manifesta e é onde se podem evidenciar as relações existentes entre o texto e o contexto social e histórico no qual foi produzido.

Em suas abordagens sobre o discurso, o teórico russo Bakhtin (1993) defende que o discurso no romance é uma diversidade social de linguagens organizada artisticamente, às vezes de línguas e de vozes individuais. Toda estratificação interna de cada língua em cada momento dado de sua existência histórica é premissa indispensável do gênero romanesco. E é graças a este plurilinguíssimo social e ao crescimento em seu solo de vozes diferentes que o romance orchestra todos os seus temas, todo seu mundo objetual, semântico, figurativo e expressivo.

O discurso esta diretamente ligado ao contexto sociocultural e histórico no qual foi produzido. Com isso, pode-se afirmar que o discurso é um objeto, ao mesmo tempo, linguístico e histórico; e para compreendê-lo de maneira global é necessária uma análise desses dois elementos simultaneamente. Pois esses dois elementos tem uma importância fundamental na análise do discurso.

O discurso articula o linguístico ao social, ao histórico e ao ideológico, colocando a linguagem na relação com os modos de produção social. Pois não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. Com isso, percebe-se no discurso presente na obra objeto desse trabalho, que o mesmo está impregnado de elementos presentes no contexto histórico social da autora, ou seja, a expressão de sua visão ideológica de determinada época – a seca de 1915 - na qual fora personagem na vida real.

2 ANÁLISE DA OBRA

2.1 “O Quinze”: uma breve análise da obra

O romance “O Quinze”, publicado no ano de 1930, do seu legado pode-se afirmar que este renovou a ficção regionalista. Obra da autora nordestina Raquel de Queiroz, o mesmo traz cenas e episódios característicos dessa região, mostra a religiosidade desse povo, a procissão de pedir chuva e descreve outras cenas que são traços ou características descritivos da condição do retirante nordestino. Mostra ainda que toda a história deseja expressar o sentido reivindicatório, entretanto não traz soluções prontas, preferindo apontar os males da região através da observação narrativa.

O Quinze é uma obra que faz parte do estilo Modernista da linhagem do romance de 30, também denominado, segundo (BOSI, 2006, p. 368) “Romance Regionalista Nordeste”. O Modernismo surge no início do século XX, em meio a um contexto de grandes mudanças sociais. É um movimento literário e artístico de rompimento com os ideários do passado (parnasianismo, simbolismo e a arte acadêmica), busca a libertação estética e a independência cultural do país. Na literatura, há a criação de uma forma de linguagem, que rompe com o tradicional, transformando a forma como até então se escrevia.

Segundo Bosi (2006, p. 368), “o Modernismo do Nordeste foi uma realidade poderosa com o *facies* próprio da região e deu o tom ao melhor romance dos anos 30 e 40”, que são os romances de temáticas sociais. A obra analisada tece a descrição da realidade em seus elementos históricos e sociais, na linearidade narrativa, na tipificação social e na construção ficcional de um mundo que deve dar a ideia de abrangência e totalidade. Dessa forma aproximando-se do real.

O Quinze foi o primeiro e mais popular romance de Rachel de Queiroz. Nessa obra, a autora exprime intensa preocupação social, apoiada, contudo, na análise psicológica das personagens, especialmente o retirante nordestino, que sob forças que estão além do seu controle, é submetido à aceitação fatalista do seu destino. No discurso presente na obra, há uma tomada de posição sobre a temática da seca, vista como uma força que impulsiona e define o destino de todos os personagens.

Essa obra retrata a seca nordestina e sua consequência “a fome”, não trazendo ou tentando dar uma lição, mas como imagem da vida do povo que vive no sertão brasileiro. Não se percebe uma total separação entre ricos e pobres, pois ambos sofrem com essa situação, e esta fusão é feita através da personagem Conceição que pertence realmente aos dois mundos.

Essa obra encontra-se dividida em dois planos – em um plano estão às personagens Conceição e Vicente, um casal que demonstra grande afeição um pelo outro; no outro plano, nos deparamos com Chico Bento e a sua família, um vaqueiro que sofre as mazelas advindas da seca - a narração mostra nos mínimos detalhes o sofrimento do povo nordestino ocasionado pela grande seca.

A autora procurou trazer ao leitor de forma crítica e, ao mesmo tempo humana, mostrando o lado social, a realidade desse povo que, assolado pela seca e a falta de perspectiva de vida, se veem obrigados a migrarem da sua região de origem em busca de melhores condições de vida. Com isso, observa-se que essa obra causa inquietações ao leitor, pois é impossível ficar inerte frente a uma demonstração tão real das questões sociais dessa época através do imaginário.

Rachel de Queiroz foi a primeira mulher a fazer parte da Academia Brasileira de Letras. Sua obra, “O Quinze”, teve bastante repercussão sendo duramente criticada por intelectuais e autoridades da sua época, devido a abordar a temática da seca no nordeste brasileiro no ano de 1915 e o descaso das autoridades com os menos favorecidos. Onde os governantes ofereciam passagens de graça para os retirantes, com a finalidade de levar mão de obra a baixo custo para as cidades com grande oferta de trabalho e mesmo essa oferta de passagens ainda não chegava até os necessitados, devido à falta de fiscalização. Como podemos observar na seguinte passagem da obra

- Pois se quiser esperar, talvez se arranje mais tarde. Imagine que tive de ceder cinquenta passagens ao Matias Paroara, que anda agenciando rapazes solteiros para o Acre! [...] – Desgraçado! Quando acaba, andam espalhando que o governo ajuda os pobres... Não ajuda nem a morrer! [...] – Ajudar, o governo ajuda. O preposto é que é um ratuíno... Anda vendendo as passagens a quem der mais... Queiroz (1993, p. 30)

A partir do exposto acima, nota-se que, por falta de fiscalização por parte do poder público, essas passagens acabavam sendo negociadas pelo preposto, a quem podia pagar por elas, a um custo mais baixo do que o convencional. Dessa

forma, os retirantes, a quem eram destinadas essas passagens, acabavam tendo que viajar por terra, muitas vezes viagens muito longas, que se tornavam uma caminhada sobre-humana no deserto, sem água, sem comida e, muitas vezes, sem nenhuma sombra para descansar.

“O Quinze”, sendo um romance de temática social, trata das amarguras e sofrimentos de um povo castigado pela seca e pelo descaso dos governantes em uma determinada região do país; região nordeste, mais especificamente o Estado do Ceará (Quixadá e Fortaleza). O título do livro evoca a terrível seca que assolou o nordeste no ano de 1915, dando ênfase à região do estado do Ceará, onde a autora dessa obra viveu sua infância. Por esse motivo pode-se observar a propriedade com que a mesma constrói a narrativa em torno do sofrimento das pessoas dessa região migrando em busca de sobrevivência. Na passagem da obra descrita abaixo podemos observar como se passava essa partida a procura de dias melhores, Queiroz (1993, p. 26 - 31):

Agora, ao Chico Bento, como único recurso, só restava arribar. Sem legume, sem serviço, sem meios de nenhuma espécie, não havia de ficar morrendo de fome, enquanto a seca durasse. (...), combinou com a mulher o plano de partida. (...) Tem de ir tudo é por terra, feito animal! Nesta desgraça quem é que arranja nada! Deus só nasceu pros ricos!

Como se vê, nessa passagem da obra, Chico Bento, após ter sido dispensado dos seus serviços na fazenda Aroeira de Dona Maroca, não tendo mais como sobreviver nessa região assolada pela seca, - Queiroz (1993, p. 20), “Chico Bento parou. Alongou os olhos pelo horizonte cinzento. O pasto, as várzeas, a caatinga, o marmeleiral esquelético, era tudo de um cinzento de borralho. [...] – Ô sorte, meu Deus! Comer cinzas até cair morto de fome!” - não insiste em permanecer no lugar, pois entende que a situação cada vez mais piora.

Na trajetória desses retirantes, a fome surge de forma avassaladora e degradante nesse contexto de seca impiedosa, quando um dos filhos de Chico Bento ao se alimentar de mandioca brava agoniza e morre, como se pode verificar no fragmento descrito logo abaixo:

Lá se tinha ficado o Josias, na sua cova à beira da estrada, com uma cruz de dois paus amarrados, feita pelo pai. Ficou em paz. Não tinha mais que chorar de fome, estrada afora. Não tinha mais alguns anos de miséria à frente da vida, para cair depois no mesmo buraco, à sombra da mesma cruz. Queiroz (1993, p. 61).

De acordo com essa passagem, nota-se que a dor da morte era sentida, mas este, todavia, ficava em paz e não teria que sofrer de novo pela dor da fome, continuar vivendo aqueles dias agonizantes de miséria, sem ter o que comer, nem água pra saciar a sede, em meio ao deserto e sol escaldante, sem nenhuma expectativa de dias melhores. O próprio pai faz sua cova e caminha à frente, estrada a fora.

Essa narrativa é recheada de amarguras, incertezas e sofrimentos, onde nos chama a atenção a saga desse retirante e sua família que se veem forçados a abandonarem sua casa, suas raízes, sua vida modesta (pobre) porém, sossegada para tentarem a sobrevivência em outra região. Com isso, percebemos que ao longo da narrativa, Chico Bento, um homem simples e de pouco saber, mas de caráter incontestável, devido a tanto sofrimento em meio à fome que assola a sua família, em luta contra a triste realidade de ver seus filhos pequenos sucumbirem a essa desgraça, vai perdendo sua identidade em virtude de atos condenados pela sociedade, em momentos de extremo desespero. Na seguinte passagem da obra, confirmamos o exposto acima,

E de súbito em três pancadas secas, rápidas, o seu cacete de jucá zuniu; a cabra entonteceu, amunhecou, e caiu em cheio por terra. [...] Chico Bento tirou do cinto a faca, [...] Rapidamente iniciou a esfolação. [...] Um homem de mescla azul vinha para eles em grandes passadas. Agitava os braços em fúria, aos berros: - Cachorro! Ladrão! Matar minha cabrinha! Desgraçado! [...] O homem avançou, arrebatou-lhe a cabra e procurou enrolá-la no couro. [...] Caindo quase de joelhos, com os olhos vermelhos cheios de lágrimas que corriam pela face áspera, suplicou, de mãos juntas: - Meu senhor, pelo amor de Deus! Me deixe um pedaço de carne, um taquinho ao menos, que dê um caldo para a mulher mais os meninos! Foi pra eles que eu matei! Já caíram com a fome!... [...] – Tome! Só se for isto! A um diabo que faz uma desgraça como você fez, dar-se tripas é até demais!... Queiroz (1993, p. 65 – 66 – 67)

De acordo com essa passagem da obra, observa-se que a seca como signo da fome provoca nesse personagem um estágio de extremo desespero. Ao ver sua família sendo devastada pela miséria que os assola, Chico Bento não se prende mais a dignidade. Aquele homem que sentiu-se envergonhado ao pensar em pedir um pouco de leite a um sertanejo que ordenhava sua vaca, agora suplica aos pés do dono do animal por ele morto, um pedacinho de carne pra fazer um caldo para seus filhos e esposa, que já não aguentam mais tamanha fome e desgraça.

Antes de chegar a seu primeiro destino (Fortaleza), Chico Bento, mais uma vez, sente a dor da perda de outro filho, Pedro desaparece e, logo depois, descobrem que ele foi embora com uns comboieiros de cachaça. Como se observa na seguinte passagem da obra, Queiroz (1993, p. 85) “Talvez fosse até para a felicidade do menino. Onde poderia estar em maior desgraça do que ficando com o pai?”. Ao chegar ao campo de concentração em Fortaleza, o vaqueiro consegue um trabalho temporário através de sua comadre Conceição. Um dos filhos que lhes resta, o caçula Duquinha agoniza muito doente e sua madrinha Conceição compadecida com aquele sofrimento, pede para criá-lo. Os pais sabendo que o menino ficando com eles poderá ter um fim trágico decidem por entregar o menino à comadre, como se observa na seguinte passagem da obra, Queiroz (1993, p. 101)

– Que é de se fazer? O menino cada dia é mais doente... A madrinha quer carregar para tratar, botar ele bom, fazer dele gente... Se nós pegamos nesta besteira de não dar o mais que se arranja é ver morrer, como o outro ... [...] – É... dê... Se é da gente deixar morrer, pra entregar aos urubus, antes botar nas mãos da madrinha, que ao menos faz o enterro...

Conforme o exposto acima, vê-se que o pedido de Conceição foi aceito pelos pais do menino que agoniza muito doente, pois não havia nenhuma outra solução e para não sentir a perda aceitam entregá-lo à madrinha que cuida de Duquinha e este mostra uma ótima recuperação.

2.2 A representação da Seca como o signo da fome

A análise aqui apresentada da seca dentro da obra “O Quinze”, não a traduz apenas como um fenômeno climático ou geográfico-sociológico e que se caracteriza, sobretudo, pelo espaço sobre o qual se elabora a obra literária em estudo. Mas, vai além, buscando demonstrar como a seca é representada nessa obra, onde se transforma no “signo da fome”.

Nessa obra, a seca se configura como um elemento que sempre permeia e assola o sertão, de maneira que esta se faz pelo viés das mais variadas manifestações dos personagens e de suas inter-relações (condutas, movimentações e vozes). Assim, nesse contexto, Lobato e Pereira (2011, p. 04) pontuam que

Sob esse espectro de vigilância manifestado pela Seca em relação ao texto e sua trama, chega-se até a sentir o peso e o calor de sua presença, por vezes visível (enquanto componente ativo do ponto de vista sociocultural) e muitas outras vezes de maneira invisível (dissimulando maliciosamente suas pretensões), dentro e fora do cenário narrativo, mas sempre presente, ou melhor, onipresente.

Conforme o pensamento acima descrito, nota-se que a autora se mostra tão verdadeira em sua descrição desse fenômeno que a sua representação chega mesmo a ser sentida pelo leitor. Lobato e Pereira (2011, p. 04) dizem que “a Seca encerra em si mesma a condição de contexto, de ambiente descrito, de pano de fundo da obra, mas também de narrador, de guia dos personagens enquanto rebanho, de artífice da própria linguagem do texto literário”. Pois a Seca está presente em todas as manifestações dos personagens como orquestradora de todos os acontecimentos de suas vidas e ela vêm trazendo consigo sua consequência, a fome que avassala suas vítimas.

A Seca é o foco central do romance O Quinze. A obra retrata esse fenômeno por meio de um “discurso mudo”, ou seja, por uma concepção que extrapola a ideia usual e imediata da linguagem, isto é, a linguagem que dialoga com o leitor através do verbo assim como também dos mecanismos e instrumentos da língua. De acordo com Lobato e Pereira (2011, P. 03)

A narradora Seca não fala, mas por um “discurso mudo”, inserido nas sombras e no silêncio da linguagem, conduz a trama romanesca com mãos hábeis e onipresentes, capazes inclusive de trazer à lume temáticas que respondem à esfera do trágico.

Esse fenômeno é quem determina a movimentação dos personagens dentro do romance, nota-se isso na partida do vaqueiro Chico Bento e a família em busca de melhores condições de vida; o abandono da fazenda Aroeira por Dona Maroca; Dona Inácia fugindo da seca vai pra Fortaleza com a neta Conceição; a família de Vicente parte para a cidade também fugindo da seca e Vicente é obrigado a ficar na fazenda cuidando do gado para não morrer de fome. Com isso nota-se novamente, que o calor e o peso da presença invisível da Seca se fazem sentir, como se pode observar no fragmento da obra a seguir:

- Por falar em deixar morrer... O compadre já soube que a dona Maroca das Aroeiras deu ordem pra, senão chover até o dia de São

José, abrir as porteiras do curral? E o pessoal dela que ganhe o mundo... Não tem mais serviço pra ninguém.

(...) - Do que tenho pena é do vaqueiro dela... Pobre do Chico Bento, ter de ganhar o mundo num tempo destes, com tanta família!... - Ele já está fazendo a trouxa. Diz que vai pro Ceará e de lá embora pro Norte. Queiroz (1993, p. 11 – 12)

Inegavelmente, tem-se o fato de que o discurso da Seca se faz presente no discurso primeiro da obra, pois esse fenômeno climático apresenta-se como condutor do destino dos demais personagens. Ela encarna a grande metáfora desse romance, pois determina a movimentação dos personagens na narrativa e traz à lume um silêncio rico em significados. A seca pode ser percebida nessa obra como o signo da fome, que assola e castiga os sertanejos, não poupando gente, nem animal nem plantação.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O trabalho monográfico aqui apresentado foi desenvolvido através de levantamento bibliográfico, de material já elaborado relacionado à temática em estudo, que teve como base fundamental conduzir a determinado assunto e utilização das informações coletadas para o desempenho da pesquisa.

Para o levantamento deste trabalho, as pesquisas levaram em consideração os seguintes passos metodológicos: levantamento bibliográfico sobre a temática sugerida para a pesquisa a partir de material já elaborado, contribuindo para o aprofundamento do conhecimento do tema investigado, permitindo também, a síntese de múltiplos estudos publicados que possibilitam conclusões gerais a respeito de uma particular área em estudo.

A partir do material encontrado que serviu de base para a estruturação do presente trabalho, foi realizada uma análise e interpretação das fontes bibliográficas permitindo a seleção daquelas pertinentes ao objetivo proposto a ser trabalhado.

A pesquisa realizada foi de fundo qualitativo que, na verdade não se comprova numérica ou estatisticamente, porém, convence a partir da análise feita detalhadamente, abrangente, consistente e coerentemente, assim como na argumentação lógica das ideias. Concordando com MICHEL (2005), nesta a participação, a compreensão e a interpretação do pesquisador são fundamentais em que se valoriza o processo e não apenas o resultado, dado que abre espaço para a interpretação.

Sendo assim, a pesquisa foi realizada a partir de levantamento bibliográfico que trata da teoria da literatura, da crítica literária e do romance “O Quinze” de Rachel de Queiroz. Desta forma, o tratamento do trabalho foi basicamente de leitura e organização de ideias e de fatos que contribuiriam para destrinchar e esmiuçar o discurso da seca como signo da fome na obra acima citada.

Para embasar teoricamente esta pesquisa recorreremos a trabalhos de autores como Queiroz (1993), Reis (2011), Bakhtin (1993), Machado (1995), Moisés (2003), Bosi (2006), Proença Filho (1995) entre outros autores relevantes para construção deste aporte teórico que pretendeu realizar um estudo reflexivo sob a obra “O Quinze” amparados nas concepções bakhtinianas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance da década de 30 foi um movimento literário inserido no Modernismo, entre as produções desta época, destacou-se a prosa regionalista, tipo de produção ficcional brasileira que se inspirou no realismo. Sua ocorrência se deu principalmente no Nordeste e foi uma produção marcada pelo predomínio de temas de cunho rural.

O Romance “O Quinze” de Raquel de Queiroz está inserido nesse estilo e retrata a problemática do retirante frente à estiagem. Essa obra está dividida em dois planos, onde um é definido pela tensão não resolvida entre Vicente e Conceição, e o outro pela trama dramática da família de Chico Bento forçado a deixar o sertão devido à falta de chuva, pois este se torna um espaço inabitável. Por isso, ele e sua família colocam-se na busca de um lugar que ofereça as condições mínimas a sua sobrevivência.

Na década de 30, o Brasil testemunhou a explosão do romance cujas temáticas repercutiam acerca da denúncia social como instrumento para apontar e questionar a realidade, principalmente na região nordeste, a qual condena muitos brasileiros à fome e miséria advinda da seca. Neste período, as obras literárias apontam a realidade do indivíduo no espaço em que vive. Dessa forma, analisa-se o comportamento dos indivíduos no romance, traçando o perfil social e psicológico dos habitantes de determinadas regiões brasileiras.

A linguagem dos romances regionalistas buscava trazer para as narrativas a “cor local” em que as características mais importantes eram as informações sobre espaços, costumes, comportamentos, permitindo ao leitor reconhecer os aspectos típicos, em que caracterizavam uma determinada região.

As produções desta época são marcadas por serem uma literatura de fundo social, impregnada de uma visão crítica das relações sociais, a literatura neste caso, encontra nos romances um meio de transmitir as mazelas que acometem a sociedade. Em “O Quinze”, de Rachel de Queiroz encontramos um romance que se encaixa nos moldes acima descritos.

Com o intuito de marcar os personagens que representavam toda uma nação nordestina assolada pela seca e pelo esquecimento dos governantes frente a tal situação, a autora fez um trabalho alicerçado numa tensão crítica social. A

linguagem e a estrutura é uma característica peculiar da obra de Rachel de Queiroz, em que reproduz a voz da personagem como sua fala espontânea, natural, tornando-a mais próxima possível da realidade.

Ao longo da narrativa percebe-se uma nova posição frente ao drama do retirante que passa a ser olhado sob uma perspectiva que alterna o social e o psicológico, contudo, a autora não se perde em sua narrativa e nem deixa de introduzir temas relativos à política do país.

A temática da fome torna-se um signo nesta obra, uma vez que tendo em vista o conceito de signo como sendo uma entidade psíquica indivisível, composta por dois elementos: o significado ou conceito e o significante ou a forma linguística na sua realização fonética ou gráfica, podemos dizer que a fome torna-se o significado da Seca, como causadora do sofrimento do homem nordestino.

A Seca torna-se a grande metáfora desse romance, pois determina a movimentação dos personagens na narrativa e traz à lume um silêncio rico em significados. A seca pode ser percebida nessa obra como o signo da fome, que assola e castiga os sertanejos. Pois ela está presente em todas as manifestações dos personagens como orquestradora de todos os acontecimentos de suas vidas e ela vêm trazendo consigo sua consequência, a fome que avassala os retirantes nordestinos.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel. 2002. **Teoria da Literatura**. 8. ed. Coimbra: Almedina.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 3ªed. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 2.ed. São Paulo: Hucitec; UNESP, 1990.
- BARTHES, Roland. Aula. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1978.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43 ed. - São Paulo: Cultrix, 2006.
- CANDIDO, Antônio. **Tese e Antítese**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964.
- CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. **Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- CORTÁZAR, Júlio. **Valise do cronópio**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.
- HAI DUKE, Alessandro Andrade. **Chão partido: conceitos de espaço nos romances O Quinze de Rachel de Queiroz e A Bagaceira de José Américo de Almeida**. Curitiba: Nobel, 2008.
- LOBATO, Andrea Teresa Martins; PEREIRA, Eduardo Oliveira. **A seca e a narrativa do trágico em O Quinze de Rachel de Queiroz**. Revista Garrafa. Maio-agosto, 2011,
- MACHADO, Irene. **O romance e a voz**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- MELO, Cimara Valim. **Romance, discurso e alteridade à luz de Mikhail Bakhtin**. 2010.
- MICHEL, M. H. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais**. 1. Ed. São Paulo: Atlas, 2005. 146 p.

MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira**. Modernismo/vol. 3. São Paulo: Editora Cultrix, 2001.

MONTEIRO, Adolfo Casais. Prefácio. In: QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. – São Paulo: Sciliano, 1993.

PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PROENÇA FILHO, Dominicio. **A linguagem literária**. São Paulo. Ed. Ática, 1995.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. São Paulo. Siciliano, 1993.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
(X) Monografia
() Artigo

Eu, **Maria Valtania de Sousa Rocha**, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação **Sob o signo da fome: uma leitura Bakhtiniana em torno da obra “O Quinze” de Raquel de Queiroz**, de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 04 de Abril de 2016.

Maria Valtania de Sousa Rocha
Assinatura

Maria Valtania de Sousa Rocha
Assinatura